

A construção da identidade histórico-cultural no espaço escolar e o ensino de Educação Física

The construction of historical-cultural identity in the school space and the teaching of Physical Education

La construcción de la identidad histórico-cultural em el espacio escolar y lo enseño de la Educación Física

Recebido: 02/10/2020 | Revisado: 03/10/2020 | Aceito: 13/10/2020 | Publicado: 16/10/2020

Lielle Serafim

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2737-5729>

Prefeitura Municipal de São Mateus, Brasil

E-mail: lielle.serafim@gmail.com

Maria Alayde Alcantara Salim

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4142-9244>

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

E-mail: malcantara@globo.com

Marli Quinquim

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4082-3648>

Faculdade Vale do Cricaré, Brasil

E-mail: mquinquim@gmail.com

Resumo

A presente artigo apresenta um trabalho com a dança afro-brasileira associada aos processos de construção da identidade histórico cultural, destacando como podemos abordar esse tema no ensino de Educação Física, integrando-o a proposta curricular e a outras disciplinas, desenvolvendo assim atividades de dança que possam oferecer ao aluno a possibilidade de expressão. Adotamos a Pesquisa Participante com o propósito de nos aproximar da realidade das pessoas em articulação com a investigação sobre nossa própria prática como professora de Educação Física. Ao longo do processo, com base na análise das informações registradas no diário de campo observamos como resultado desse trabalho as mudanças de concepções dos alunos a respeito do racismo e da cultura africana. Acreditamos que ao introduzir as práticas culturais de origem africanas no ambiente escolar estamos permitindo aos sujeitos um contato com parte de sua história, bem como possibilitando sentimentos de representatividade e

identificação. Destacamos como resultado a possibilidade da utilização das aulas de Educação Física para valorização da cultura afro brasileira, com práticas educativas que contemplam as questões raciais e colaboram para a eliminação do racismo, do preconceito, da discriminação e fortalecem a construção da identidade histórico cultural.

Palavras-chave: Identidade; Dança afro; Ensino.

Abstract

This article presents a work with Afro-Brazilian dance associated with the construction processes of the cultural historical identity, highlighting how we can approach this issues in Physical Education teaching, integrating it with the curriculum proposal and other matters, thus developing dance activities that can offer the student the possibility of expression. We adopted Participant Research with the purpose of getting closer to the reality of people in conjunction with the investigation of our own practice as a Physical Education teacher. Throughout the process, based on the analysis of the information recorded in the notebook, we observed as a result of this work the changes in students' conceptions about racism and African culture. We believe that by introducing cultural practices of African origin in the school, we are allowing subjects to have contact with part of their history, as well as enabling feelings of representation and identification. As a result, we highlight the possibility of using Physical Education classes to value Afro-Brazilian culture, with educational practices that address racial issues and collaborate to eliminate racism, prejudice, discrimination and strengthen the construction of cultural historical identity.

Keywords: Identity; Afro dance; Teaching.

Resumen

Este artículo presenta un trabajo con la danza afrobrasileña asociada a los procesos de construcción de la identidad histórica cultural, destacando cómo podemos abordar este tema en lo enseño de la Educación Física, integrándolo con la propuesta curricular y otras disciplinas, desarrollando así actividades de danza. que pueda ofrecer al alumno la posibilidad de expresarse. Adoptamos la Investigación Participante con el propósito de acercarnos a la realidad de las personas participantes en la investigación. A lo largo del proceso, a partir del análisis de la información registrada en el diario de campo, observamos como resultado de este trabajo los cambios en las concepciones de los estudiantes sobre el racismo y la cultura africana. Creemos que al introducir prácticas culturales de origen africano en el ámbito escolar, estamos permitiendo que los sujetos tengan contacto con parte de su historia, además

de possibilitar sentimentos de representação e identificação. Como resultado, destacamos a possibilidade de utilizar as aulas de Educação Física para valorar a cultura afrobrasileira, com práticas educativas que abordem temas raciais e colaborem para eliminar o racismo, os preconceitos, a discriminação e fortalecer a construção da identidade histórica cultural.

Palavras chave: Identidade; Dança afro; Ensinando.

1. Introdução

Em consequência da concentração negra promovida pela escravidão, o Espírito Santo tem algumas regiões onde os traços da herança cultural africana afloram e expõem-se com mais definição. De acordo com Maciel (2016), o Estado tinha três grandes áreas de maior concentração populacional de cativos, conseqüentemente, uma força importante nos aspectos da cultura negra: o norte litorâneo, tendo São Mateus como principal polo; o sul, cujo polo era Cachoeiro de Itapemirim, e a região central, área de influência imediata de Vitória. Foram essas três áreas econômicas que fundamentaram a vida capixaba da época e deram notoriedade inicialmente à capitania e posteriormente a província no cenário mais geral.

São Mateus continua sendo uma cidade de grande concentração negra, onde se destacam diferentes tipos de manifestações culturais de origem africana. No entanto, muitas vezes, por causa de preconceitos, não ocorre uma identificação com os traços da cultura trazida da África para o Brasil. Nem todos se reconhecem como pertencentes à raça negra, e acabam por não valorizar sua própria história. E a escola que poderia desempenhar um importante papel no trabalho com os temas sobre as questões culturais e, assim, fortalecer os processos de formação da identidade não tem conseguido realizar na prática essa função. Os conteúdos relacionados à história e cultura afro-brasileira muitas vezes são desprezados ou apenas mencionados em datas comemorativas.

Freire (2009) propôs uma pedagogia que desenvolva a autonomia dos educandos em relação à construção do conhecimento. Objetivo que deve ser alcançado por meio do respeito aos saberes desses sujeitos e o desenvolvimento desses saberes para a emancipação das suas consciências valorização das diferentes inteligências, de maneira ética, crítica, reflexiva e humana (Freire, 2009).

As escolas têm um importante papel na construção da identidade, elas podem conceber experiências, propiciar espaços para intercâmbio de ideias, estabelecer interações e produzir saberes. Pensar em identidade ressalta a necessidade de interação entre as pessoas nos mais variados ambientes de convivência social. É um processo em que essas pessoas tentam dar

sentido a si mesmo, ao outro e ao local onde estão. E essa busca pelo autoconhecimento/conhecimento não pode ser restringida padrões impostos pela cultura hegemônica.

Esse trabalho será norteado pelas reflexões tecidas por Hall (1998) em relação a identidade, para o autor:

[...] a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência anterior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem (Hall, 1998, p.11).

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas que nos rodeiam (Hall, 1998). Hall diz ainda, que, a identidade é definida historicamente e não biologicamente. O sujeito adota identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas dentro de um “eu” coerente.

Desconstruir a ideia de identidade negra como algo que se constitui somente na esfera biológica não é fácil, ainda se encontra muita resistência e falta de conhecimento nos ambientes de produção do saber. Os conceitos de negro e raça não são fixos, assim como a identidade também não. Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (Hall, 1998).

Nessa perspectiva, observando a realidade na qual estamos inseridos, cabe ressaltar que, a existência dos alunos com os quais trabalho (em sua maioria negros e pardos) é marcada por profundos problemas sociais e econômicos que, muitas vezes, de forma grave os submetem a situações de vulnerabilidade social. Enfim, um cenário, de enormes desafios.

É nas relações sociais que vamos, aos poucos, nos constituindo enquanto seres humanos. A forma como estabelecemos o convívio nos lugares que frequentamos, a maneira como são mediadas as nossas interações, constroem as características que identificam uma pessoa e como ela expressa seu ponto de vista pessoal. De acordo com as influências culturais, educacionais, religiosas, e suas experiências adquiridas. Assim, tudo isso nos revela o lugar que ocupamos ou desejamos ocupar na sociedade.

Nossas primeiras interações ocorrem na instituição familiar e depois, é na escola que passamos um longo tempo de nossas vidas socializando com diversos tipos de pessoas. É esse ambiente escolar que nos propomos a analisar, devido às lacunas existentes na abordagem da cultura negra, pela resistência quanto aos temas raciais e por conta das práticas e concepções racistas que até hoje nos afetam.

A escola é um lugar onde, em meio à construção das relações, perpassam as questões étnico – raciais. Em razão disso, estudos sobre a problematização que relaciona educação, escola, história, cultura, socialização, racismo e identidade nos incentivaram à investigação, em especial, nos questionamos: Como se dão os processos de construção da identidade histórico cultural dos alunos na educação básica em São Mateus?

Frente às provocações às quais nos propomos nesta pesquisa, algumas indagações nos conduzem. Especificamente a possibilidade de discutir nas aulas de educação física a dança afro como forma de resistência negra, indagando qual papel ela desempenha enquanto manifestação cultural? Quais as concepções dos professores de educação física e dos alunos em relação às manifestações culturais africanas? Como os conteúdos escolares podem nos ajudar a esclarecer como o aluno vê a si mesmo e ao outro?

Nesse viés, observando essas e outras questões presentes nas escolas, que por muitas vezes expressam o despreparo no que diz respeito às questões raciais, e, reforçam atitudes de discriminação e preconceito entre os alunos, desenvolvemos uma pesquisa que tem como objetivo geral investigar as relações entre o estudo da cultura afro-brasileira e os processos de construção de identidades tendo como foco o ensino de Educação Física nos anos iniciais da Educação Básica.

2. Metodologia

A pesquisa a ser utilizada neste trabalho pode ser classificada como participativa descritiva qualitativa, pois analisará uma proposta de aprendizagem da metodologia da em que envolverá a participação dos alunos do ensino fundamental da rede pública municipal de São Mateus.

Conforme Pereira, Shitsuka, Parreira e Sitsuka (2018, p. 67), a pesquisa qualitativa fornece suporte metodológico para que o pesquisador faça uma interpretação subjetiva, pois,

Os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo. Neles a coleta de dados muitas vezes ocorre por meio de entrevistas com questões abertas.

Para produção das informações que fundamentam esta pesquisa, foram realizados: levantamento bibliográfico, para identificar os trabalhos existentes sobre o ensino de educação física relacionado a identidade negra; entrevista e; questionário.

A escolha da metodologia foi motivada por fatores específicos do desenvolvimento deste trabalho, que requerem uma aproximação com a realidade do objeto de estudo, para que, dessa forma, pudéssemos desenvolver conteúdos que nos permitissem contextualizar os dados produzidos no campo da pesquisa.

Dentre os fatores mais relevantes, consideramos nossas experiências pessoais, vivenciando as manifestações culturais de origem africana. Outra motivação foi o desejo de estabelecer nossas ações dentro da escola, desenvolvendo-as em parceria com a comunidade escolar. Sendo assim, apresentamos neste estudo vivências que foram úteis para compreender a construção da identidade negra.

Além disso, relacionamos a nossa proposta à necessidade de aproximação entre a cultura negra mateense e os espaços de educação formal do município. Desse modo, nossa intenção com a pesquisa não era apenas descrever o fenômeno para termos mais um registro sobre a cultura afro-brasileira, na percepção de sua identidade, mas para fazer uma descrição que se proponha a dar visibilidade a uma cultura que, ao longo de anos, vem sendo esquecida.

Como a pesquisa almejou-se analisar as relações entre o estudo da cultura afro-brasileira e os processos de construção de identidades tendo como foco o ensino de Educação Física nos anos iniciais da Educação Básica, fizemos da participação dos sujeitos que compõem o ambiente escolar seu principal suporte metodológico.

Nosso estudo, através de uma abordagem participante, se insere no contexto educacional e tem na figura do pesquisador e dos sujeitos pesquisados as dimensões fundamentais do cenário pesquisado. Inicialmente, tomamos como base as ideias de Demo (2008, p.43), que sugere que na Pesquisa Participante (PP) a população é motivada a participar:

[...] a população pesquisada é motivada a participar como agente ativo, produzindo conhecimento e intervindo na realidade própria. A pesquisa torna-se instrumento no sentido de possibilitar à comunidade assumir seu próprio destino. Ao pesquisador que vem de fora cabe identificar-se ideologicamente com a comunidade, assumindo sua proposta política, a serviço da qual se põe a pesquisa.

As muitas dimensões que compõem o processo de construção da identidade possibilitaram-nos associar o fenômeno investigado aos pressupostos da PP. Dessa maneira, compartilharemos das ideias de diferentes autores que reconhecem a importância dessa abordagem metodológica na prática de pesquisas relacionadas ao ensino na educação básica.

Relatamos nesta pesquisa algumas vivências e experiências da pesquisadora e dos pesquisados, que contribuíram para o entendimento de como se dá o processo de construção da identidade negra no ambiente escolar e no ensino de educação física. Assim, a PP nos possibilitou a identificar, no ambiente escolar, o ponto de vista dos sujeitos a respeito da cultura negra.

Nesse modelo de pesquisa, os sujeitos pesquisados são os informantes do pesquisador. Simultaneamente, eles ampliam seu entendimento e conhecimento a respeito de determinada situação, bem como sugerem ações de mudança, gerando benefício para toda a comunidade. Sobre a pesquisa participante, Schmidt (2006, p.14) pontua que:

O termo participante sugere a controversa inserção de um pesquisador num campo de investigação formado pela vida social e cultural de um outro, próximo ou distante, que, por sua vez, é convocado a participar da investigação na qualidade de informante, colaborador ou interlocutor. Desde as primeiras experiências etnográficas, pesquisador e pesquisado foram, para todos os efeitos, sujeitos e objetos do conhecimento e a natureza destas complexas relações estiveram, e estão no centro das reflexões que modelam e matizam as diferenças teórico-metodológico.

A pesquisa participante ocorre dentro de uma realidade solidificada na qual os sujeitos pesquisados estão envolvidos, isso faz com que reduzam limitações encontradas em outros tipos de pesquisa. A comunidade deve participar de todo o processo, geralmente, esses sujeitos têm consciência da existência do problema e do que precisa ser transformado.

Nesse sentido, ainda de acordo com os pressupostos de Schmidt (2006, p.3), entendemos que a PP pode reunir a possibilidade de reflexão e de entendimento da relevância dessa modalidade de estudo. Sobre o assunto, o autor ressalta que:

A prática da pesquisa participante é capaz de aglutinar em torno de si tanto a reflexão epistemológica que interessa à ruptura com o paradigma positivista quanto à apreensão crítica das dimensões éticas e políticas das pesquisas de campo, configurando metodologias que promovem uma relação com o outro próxima à ideia de comunidades interpretativas.

Com base nesse método, considera-se importante uma imersão no cotidiano do objeto a ser pesquisado. A PP é uma tentativa de nos aproximarmos do modo como essas pessoas vivem a experiência da produção de identidade. Esse recurso busca aproximar quem pesquisa de quem é pesquisado, e a partir disso, coletivamente, encontrar soluções para as questões que circulam o ambiente.

O pesquisador entra em contato com o pesquisado e ocorre uma interação entre eles. Ao interagirem, propõem-se a encontrar soluções para os problemas verificados no decorrer do desenvolvimento do estudo. A PP é uma busca pelo conhecimento, visando à participação social e vantagens para os participantes. Ela é construída junto aos componentes do estudo; para André (1995, p. 24), o esse tipo de pesquisa pressupõe interação:

[...] a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes.

Tal modalidade de pesquisa concebe uma proposta metodológica de abundantes possibilidades de entendimento de questões e intervenção na realidade social, sendo compreendida como fomentadora de transformações necessárias nas populações. Em relação à contribuição que a PP pode oferecer a comunidade, Demo (2008, p.43) ressalta que:

A PP não se satisfaz com devolver os resultados da pesquisa para a comunidade, porque perderia sua marca 'participante'. Esta exige que ele faça parte do projeto comunitário, ainda que não seja 'comunitário'. Esta identificação ideológica, de sentido eminentemente prático é essencial.

A pesquisa participante dará suporte à análise para que consigamos indicar como a cultura africana é entendida. E também possibilitará entender as situações que ocorrem nos espaços de ensino, que possuem características de construção de identidades.

Construir a identidade negra tem como consequência reescrever cotidianamente a história dos negros no Brasil, dando voz aos que, historicamente, foram impedidos de se expressarem, não só apresentando novas perspectivas, mas desconstruindo a imagem negativa sobre eles. Isso significa perceber a história afro-brasileira a partir das vivências de um grupo, relacionando-as ao seu fazer, e ao seu contexto.

3. Resultados e Discussão

3.1 Racismo nas Escolas

Nas escolas, o racismo se expressa de múltiplas formas: negação das tradições africanas e afro-brasileiras, dos nossos costumes, negação da nossa filosofia de vida, de nossa posição no mundo, da nossa humanidade (Cavalleiro, 2001). A história africana contada do ponto de vista branco disseminou preconceitos que até hoje reforçam a imagem do negro como pessoas de menos valor. Ao longo de gerações os negros foram apontados como inferiores, sempre mencionados de forma negativa, marginalizados por conta da cor da pele. Mas, ao contrário da ideia disseminada, o negro africano trazido para o Brasil para ser escravizado era um povo pujante, não aceitava a escravidão de forma passiva, longe disso, eles ofereciam resistência e se organizavam de maneira inteligente para estabelecer sua atuação e intervenção diante das circunstâncias (Maciel, 2016).

Houve casos em que escravos ou ex - escravos tiveram que recorrer à justiça para garantir seus direitos. Contudo, era muito difícil um negro, mesmo com todas as leis a seu favor, ganhar uma causa contra seu fazendeiro. Diante desse tipo de situação, os negros demonstravam grande capacidade de organização. De modo muito inteligente, eles articulavam fugas, formavam quilombos e se posicionavam de forma muito inteligente em relação às questões da sociedade. Essa questão foi discutida por Cleber Maciel (2016), referência fundamental nos estudos sobre os negros no Espírito Santo:

De qualquer forma, o importante é que muitos escravos não eram tão ignorantes sobre os acontecimentos econômicos, sociais e políticos, como muitos escritores e historiadores racistas tentavam fazer parecer. A cada nova lei e acontecimento nacional ou internacional que apontava no sentido do fim da escravidão, os escravos agiam mais conscientes e intencionalmente visando a acelerar as mudanças, seja com fugas, revoltas e quilombos, seja economizando ou trabalhando mais para comprar a liberdade, seja não aceitando condições restritivas à liberdade. Enfim, lutando para que mesmo diante das injustiças, a liberdade plena chegasse (Maciel, 2016 p. 110).

O ser negro, nessas condições de tamanha injustiça, está limitado a questões físicas, o que acirrava um constante, porém velado reforço da ideia de dominação e submissão. Fatores esses que favorecem um processo desvalorização e resignação da tradição negra diante de valores e crenças impostos pela cultura dominante, acarretando transformações na forma como os indivíduos se reconhecem.

Para além dos conceitos distorcidos de negro e raça a história incutiu na sociedade uma lógica de poder que até hoje tem seus desdobramentos na nossa convivência social. O desafio de se reconstruir uma identidade negra passa necessariamente pela superação das ideias de branquitude e do negro como escravo, subserviente, passivo, desqualificado. A branquitude pode ser entendida como uma consciência silenciada, é como dizer que ser branco confere privilégios, assim, há uma resistência em concordar e se conectar com a experiência de quem sofre os desrespeitos do preconceito. O que se questiona nesse contexto é que essa experiência é imposta diante de uma sociedade em que ser branco (a) é a “norma”, ou seja, a noção hegemonicamente estabelecida e legitimada indica que a brancura é associada a uma situação de privilégio que desacredita na presença da austeridade de sua posição e, por isso mesmo, é incapaz de compreender a experiência do “outro” (Cavalleiro, 2008).

Ao longo de anos as manifestações culturais simbolizam resistência do negro cativo diante das perseguições e intolerâncias. Além disso, mesmo modificadas, elas mantêm um caráter social. Durante a época da escravidão, cerceados em sua autonomia, os negros se utilizavam das práticas culturais africanas como forma de afirmação cultural e identitária. Cleber Maciel (2016) afirma que os negros deixaram marcantes registros de sua permanência no Brasil. Muitos aspectos da herança cultural e da memória africana sobreviveram e chegaram aos tempos atuais graças ao esforço e espírito de sacrifício que tiveram os antepassados em conseguir, mesmo sob o domínio e o medo impostos pelos colonizadores, preservar sua dignidade cultural (Maciel, 2016).

Dentre essas manifestações culturais destacamos a dança afro, com seus movimentos peculiares e estilo musical marcante, ela é uma das mais belas demonstrações dos traços africanos prevaletentes em nossa cultura. Os negros e sua herança cultural tiveram uma relevante colaboração na formação do povo brasileiro. Seus primeiros passos nasceram em rituais de devoção a orixás, as danças africanas se tornaram forma de expressão artística e cultural no Brasil.

Para expandir a discussão sobre identidade, acreditamos ser importante nos referirmos à diferença de forma mais aprofundada. É pela diferença que se constrói a identidade, que significa o que somos em relação ao outro. Silva (2014) assevera que ao assumirmos uma identidade, conseqüentemente demarcamos uma diferença, ao afirmar o que somos estamos também afirmando o que não somos, logo, nos colocando em posição de diferença:

[...] a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’ (Silva, 2014. p.81).

Silva (2014) destaca a relevância do processo de produção discursiva e social da diferença. De acordo com seus fundamentos, a questão da diferença e da identidade não pode ser limitada a uma questão de respeito e tolerância para com a diversidade. Na concepção do autor, a diferença e a identidade não são simplificadas ou naturalizadas, mas vistas como construções culturais e sociais e sendo assim, devem ser mais do que celebradas, questionadas e problematizadas, assim:

[...] a identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem. Dizer isso não significa, entretanto, dizer que elas são determinadas, de uma vez por todas, pelos sistemas discursivos e simbólicos que lhes dão definição. Ocorre que a linguagem, entendida aqui de forma mais geral como sistema de significação, é ela própria, uma estrutura instável (Silva, 2014, p.78).

Ainda segundo Silva (2014), a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato, nem da natureza, nem da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada ou permanente. Também não há uma homogeneidade da identidade. Assim, ela não é definitiva, acabada, idêntica, nem transcendental.

É possível afirmar que a identidade é uma produção, um efeito, um processo de construção, um elemento relacional e uma performance. O autor também destaca a instabilidade, a fragmentação, a inconsistência, as contradições e o aspecto inacabado da identidade, que está, portanto, ligada a estruturas discursivas e narrativas, bem como a sistemas de representação e de poder.

Por ser um local em que se dá a formação do indivíduo, a escola cumpre um papel estratégico na luta da população negra, ela é um espaço de socialização e de exercício da cidadania. Dessa forma, é nesse ambiente que se pode proporcionar uma educação transformadora, trabalhando conteúdos que incentivem o respeito à diversidade racial e a valorização da história dos vários grupos étnicos que contribuíram para a formação do país.

Segundo Forde (2018), no Espírito Santo, o movimento negro capixaba atribui à educação uma importante função. A identidade negra e sua construção/reconstrução de

maneira afirmativa, de modo a superar discriminações dependem de uma reestruturação educacional. É necessária uma educação empenhada em desenvolver práticas educacionais que propiciem o reconhecimento e a valorização do negro na sociedade.

Ao indicar a educação como uma de suas pautas políticas, o que o movimento de fato pretende dizer? Ao tratar da educação, o movimento negro dirige sua reflexão ao ensino, ao currículo, ao material de ensino e à formação de professores. Não se trata simplesmente de garantir acesso e permanência da população negra nos estabelecimentos de ensino, mas sim de reivindicar outra educação a ser oferecida para toda a sociedade e não apenas para a população negra – uma educação que incorpore a negritude na sua matriz curricular e esteja comprometida com o combate ao racismo (Forde, 2018, p. 143).

Para refletir educação, ensino e escola, devemos pensar também na figura do professor, no currículo e nos livros didáticos. Um professor com práticas pedagógicas que conduzam o aluno ao senso crítico é fundamental. Durante a educação básica, o indivíduo passa por importantes fases do aprendizado. Assim, tudo aquilo com que se tem convivência, torna-se referência na construção de suas identidades. No entanto, alguns alunos não conseguem olhar de forma crítica as informações as quais têm acesso, para isso, precisam da intermediação do professor.

Diante desse desafio, Cavalleiro (2001), assim como Forde (2018), destaca a necessidade do despertar de uma nova consciência, corroborando as ideias de Paulo Freire:

[...] é no confronto com os questionamentos emergentes e numa relação dialógica com ‘o sem-voz’, como esclarece Freire (1970), que se pode construir uma nova consciência em torno da questão de identidade cultural e social. Educadores devem ser desafiados a desenvolver junto com seus alunos e colegas de profissão uma conscientização crítica em torno deste fenômeno racial que atormenta nações, incluindo o Brasil. Por meio de uma consciência crítica, primeiramente se desestruturam as relações de concepções racistas e discriminatórias. Num segundo estágio, se reconstroem novas possibilidades de igualdade e respeito multiétnicos e multiculturais críticos, baseados na riqueza aportada e proporcionada pelas suas diferenças e similaridades, e não apenas em uma educação rotulada como multicultural que predetermina fórmulas de como devem ser conduzidas. A educação que propomos é de caráter democrático e emancipatório, descartando fórmulas já preestabelecidas e estruturalmente rígidas que também restringem a fluência do desenvolvimento de igualdade e justiça social (Cavalleiro, 2001, p. 24).

Cabe ainda, ressaltar que, os livros didáticos são predominantemente eurocêntricos, apresentam um ponto de vista que desvaloriza o negro. Dessa forma, se o aluno estiver

sempre em contato com conteúdos baseados em padrões de comportamento europeu, para ele, este será o melhor.

Essa construção que prega a superioridade dos europeus sobre os africanos perpetuou-se e permanece no imaginário nacional ao longo de décadas. Em muitos casos mostra-se de forma velada, a ponto de percebermos que boa parte da população brasileira não se declara racista, mas ao mesmo tempo, admite a existência do racismo.

Embora muitos neguem a existência do racismo, os discursos presentes no imaginário social contradizem essa negação ao externarem a forma de pensar dos sujeitos, carregada de valores e simbolismos negativos. Além disso, o fato de uma parte da população brasileira ainda acreditar que o negro é inferior ao branco contribui para o reforço de práticas racistas. Dessa forma, nas relações sociais, rotineiramente, evidenciam-se as relações de poder assimétricas:

[...] a noção de uma África selvagem e a ideia de uma humanidade negra mais atrasada começavam a se entrelaçar no imaginário que deveria dar suporte à empresa do tráfico negreiro e à exploração impiedosa de uma nova força de trabalho submetida às mais degradantes condições, tudo com as devidas bênçãos papais (Barros, 2014, p. 43).

A estruturação do sistema de escravização dos africanos, visando consolidar o desenvolvimento do tráfico negreiro, estabeleceu a delimitação de padrões com a finalidade de dominação europeia. Assim, constatamos que, em razão desta finalidade, tudo que envolvia as etnias africanas, passou por um processo de desconstrução com vistas a dar sustentação ao projeto ideológico da montagem do sistema escravista no Brasil.

3.2 A dança afro como forma de resistência

A dança afro-brasileira é composta por diferentes danças, movimentos, dramatizações e sentidos característicos das manifestações africanas. Passou por releituras e ganhou novos significados no Brasil, em diversas regiões, em diferentes épocas, sobreviveu ao tempo e adquiriu novos significados.

Em suas raízes, muitas dessas danças eram realizadas para que os negros que viviam no Brasil como escravos pudessem reviver aqui traços marcantes de sua cultura, lembrar sua origem, e, assim reforçar tradições. A dança afro tornou-se uma forma de afirmação social e de resistência para os negros, um modo de valorização deles diante da sociedade e de si

mesmo. Oliveira discutiu as relações entre a dança afro e os processos de constituição da identidade negra:

Movimentos grandes e firmes, energia e um som contagiante marcam o universo de uma dança que surgiu na década de 70 na cidade de Salvador, resultado de uma mistura entre a dança contemporânea e a dança dos orixás. A dança afro-brasileira traz consigo um apanhado de técnicas e de movimentos que desafiam a estética do balé (Oliveira, p.3, 2008).

Da mesma forma que outras manifestações culturais, a dança foi passando de geração em geração, permanece até hoje com seus traços marcantes, sendo uma forma de identificação cultural. Sendo assim, é necessário compreender os acontecimentos do passado para desvelar os processos de construção da identidade brasileira, já que a construção da identidade é um processo histórico, social e subjetivo que estabelece os caminhos pelos quais nos inserimos na sociedade. Fazer uma releitura do passado nos faz perceber o quanto nossa identidade se constitui de desigualdades.

A dança afro pode ser entendida como qualquer prática inspirada, seja na diversidade das danças de origem africanas encontradas no Brasil, seja nas expressões africanas dispersas pelo mundo. Não é privativa dos africanos da África ou de afro-brasileiros, é criação de todos o que produzem a partir de suas experiências e vivências como afrodescendentes. Para Lima (2005, p. 35), ela representa a articulação de política e arte.

Resultado de uma linguagem artística que se articula politicamente, esta dança incita-nos a colocar o aspecto das práticas estéticas para além dos contornos geográficos e, contraditoriamente, étnico-raciais. Ela é realizada por uma multiplicidade de atores, não somente por seus herdeiros históricos, mas também por aqueles que, independentemente da cor da pele, encontram um impulso expressivo, simbólico ou imaginário, nas práticas corporais, saberes filosóficos e poéticas identificadas ao continente africano, as imagens construídas sobre ele, sua história e seus descendentes.

As manifestações culturais simbolizam a resistência do negro cativo diante das perseguições e intolerâncias. Além disso, mesmo modificadas, elas mantêm um caráter social. Durante a época da escravidão, cerceados em sua autonomia, os negros se utilizavam das práticas culturais africanas como forma de afirmação cultural e identitária.

Dentre essas, destacamos a dança afro, com seus movimentos peculiares e estilo musical marcante, ela é uma das mais belas demonstrações dos traços africanos prevaletentes em nossa cultura. Os negros e sua herança cultural tiveram uma relevante colaboração na formação do povo brasileiro. Seus primeiros passos nasceram em rituais de devoção a orixás, as danças africanas se tornaram forma de expressão artística e cultural no Brasil.

Ela é composta por diferentes danças, movimentos, dramatizações e sentidos característicos das manifestações africanas. Passou por releituras e ganhou novos significados no Brasil, em diversas regiões, em diferentes épocas, sobreviveu ao tempo e adquiriu novos significados.

Em suas raízes, muitas dessas danças eram realizadas para que os negros que viviam no Brasil como escravos pudessem reviver aqui traços marcantes de sua cultura, lembrar sua origem, e, assim reforçar tradições. Tornou-se uma forma de afirmação social e de resistência para os negros, um modo de valorização diante da sociedade e de si mesmo.

Para Oliveira (2008, p.3), movimentos grandes e firmes, energia e um som contagiante marcam o universo de uma dança que surgiu na década de 70 na cidade de Salvador, uma mistura entre a dança contemporânea e a dos orixás, traz consigo técnicas e de movimentos que desafiam a estética do balé.

A dança afro-brasileira é baseada no cotidiano do negro africano. Momentos da vida diária – como a caça, a pesca, o plantio e a colheita da cana, da mandioca, a preparação da farinha – e ritos e tradições, como a homenagem aos deuses, à natureza, a coroação de um rei ou a morte estão entre as representações. Os movimentos são feitos de forma coletiva, em uma forma de demonstração de igualdade.

Da mesma forma que outras manifestações culturais, a dança foi passando de geração em geração, permanecendo até hoje com seus traços marcantes, sendo uma forma de identificação cultural. Sendo assim, é necessário compreender os acontecimentos do passado para desvelar os processos de construção da identidade brasileira, já que a construção da identidade é um processo histórico, social e subjetivo que estabelece os caminhos pelos quais nos inserimos na sociedade. Fazer uma releitura do passado nos faz perceber o quanto nossa identidade se constitui de desigualdades.

A técnica de dança afro como se conhece hoje foi sistematizada por Mercedes Baptista, bailarina e coreógrafa brasileira, a primeira negra a integrar o corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro nos anos 50. Jovem, pertencente a uma família simples e carregando o peso da cultura negra, Mercedes decidiu que seria conhecida. Com essa atitude tão corajosa para a época, ela revolucionou a dança no Brasil. Atualmente, é vista como a responsável por mudar a perspectiva do corpo negro através da dança moderna afro-brasileira.

Mercedes Baptista, pioneira na dança afro no Brasil, construía espetáculos em que representava as cerimônias do Candomblé africano. Inicialmente, seu grupo apresentava danças folclóricas e não dança afro como existe atualmente. Contudo, suas coreográficas se

tornaram um grande patrimônio para os praticantes atuais, muito do que vemos hoje é criado a partir do conceito desenvolvido por Mercedes.

Algumas pessoas acreditam que a técnica corporal para a dança afro funciona quando o aluno nasce com o ritmo, coordenação motora, isso faz com que dançam harmoniosamente, já que é necessário se movimentar acompanhando uma música. Há, também, os que acreditam que as habilidades físicas não são impedimento, pois podem ser desenvolvidas com a prática. Nosso estudo analisa os processos de construção da identidade, nesse sentido, abordamos a dança afro como um símbolo de resistência, corroborando as ideias de Santos (2016, p. 19), quando a autora afirma que:

Ao longo desses processos em que a identidade precisa ganhar forma e estabelecer diretrizes de acompanhamento para toda uma concepção, podemos imaginar essa necessidade como um processo demarcado não só como linguagem artística, mas também como um símbolo de resistência negra no mundo das artes. É interessante pensar que a dança afro faz parte do processo de identidade de toda uma cultura e essa identidade é relacional, que depende do balé, da dança do ventre, de outras danças que se originam de outras culturas, para poder ser entendida como uma dança de origem africana e brasileira.

3.3 Educação física como espaço de ressignificação da cultura negra

Experimentamos grandes transformações sócio-políticas nos últimos anos, vivenciamos um pseudodiscurso de valorização da educação quando na verdade ela ainda não pode ser acessada por todos. Um panorama bastante nebuloso se configura, a ideia de uma nova educação ainda não conseguiu influenciar de maneira definitiva as práticas pedagógicas, mas concomitantemente, iniciativas impulsionam um processo de valorização da educação física escolar como um espaço a formação biopsicossocial do indivíduo, e foi e essa nova tendência que norteou o desenvolvimento desta pesquisa.

A relevância adquirida pela educação física escolar na agenda educacional, nas esferas municipal, estadual e federal, nos últimos anos é uma conquista alcançada a partir de muitas lutas. Atualmente, a educação física escolar expõe novos conceitos quanto ao corpo, o movimento e o aluno, reforçando o caráter biopsicossocial do esporte nas lutas em torno da educação e contrapõe-se a visão tecnicista que priorizava a execução de fundamentos esportivos, supervalorizando somente os alunos habilidosos. Essa nova concepção de educação física escolar enaltece os conhecimentos da prática social, a democracia, a humanização e destaca as aulas como espaço para brincar, socializar e se identificar, enfim,

como lugar da construção de novas possibilidades e de conscientização. Essa tendência representou uma oposição ao caráter tradicional que marcou a Educação Física no Brasil, assim caracterizado por Darido (2012, p. 10):

No Brasil, a educação física na escola recebeu influências da área médica, com ênfase nos discursos pautados em higiene, na saúde e na eugenia, dos interesses militares e também, a partir do final da década de 1960, dos grupos políticos dominantes, que viam no esporte um instrumento complementar de ação. Nesse contexto, a educação física passou a ter a função de selecionar os mais aptos para representar o país em diferentes competições. O governo militar apoiou a educação física na escola objetivando tanto a formação de um exército composto por uma juventude forte e saudável como a desmobilização de forças opositoras. Assim, estreitaram-se os vínculos entre esporte e nacionalismo.

Partindo do pressuposto de que a escola e educação física apresentam-se como um espaço para a construção da identidade negra, visto que oportunizam as discussões sobre a cultura afro-brasileira, levando ao enfrentamento de um currículo hegemonicamente branco. Além de apresentar por fim os motivos que justificam a necessidade de se produzir no currículo novas representações da cultura afro-brasileira com vistas a contribuir nos processos de resistência, perpetuação e valorização dessa manifestação cultural.

Nos últimos anos, a educação se desenvolveu, conquistou espaço na legislação brasileira, e passou a ser mais discutida no meio acadêmico. Com isso, veio o reconhecimento de que os negros têm direito a uma educação contextualizada, diferenciada daquela oferecida ao longo de décadas, que conta a história dos africanos escravizados sob o ponto de vista dos colonizadores. Nesse viés, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), declara:

Em linhas gerais, além de um direito social, a educação tem sido entendida como um processo de desenvolvimento humano. Como expresso nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a educação escolar corresponde a um espaço sociocultural e institucional responsável pelo trato pedagógico do conhecimento e da cultura. A princípio, estaríamos, então, trabalhando em solo pacífico, porque universalista (Brasil, 2006, p. 15).

Na esteira dos debates sobre esse tema, há também a concepção da importância de uma revisão das práticas de ensino para esse público e a atenção para a diversidade:

No entanto, como pondera Nilma Lino Gomes, em certos momentos, “as práticas educativas que se pretendem iguais para todos acabam sendo as mais discriminatórias.

Essa afirmação pode parecer paradoxal, mas, dependendo do discurso e da prática desenvolvida, pode-se incorrer no erro da homogeneização em detrimento do reconhecimento das diferenças” (GOMES, 2001, p. 86). Ao localizarmos o conceito e o processo da educação no contexto das coletividades e pessoas negras e da relação dessas com os espaços sociais, torna-se imperativo o debate da educação a serviço da diversidade, tendo como grande desafio a afirmação e a revitalização da auto-imagem do povo negro (Brasil, 2006, p. 15).

A educação física escolar é entendida como uma ferramenta capaz de ajudar a inserir o homem em uma sociedade cada vez mais exigente. O contexto atual evidencia a capacidade de mudança exercida por ela, sobretudo, pelos esportes, junto a diversos grupos sociais. No ambiente escolar, seja no meio, percebe-se um novo entendimento do corpo e dos movimentos corporais:

É tarefa da Educação Física preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore o esporte e os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível. Tal ato implica também compreender a organização institucional da cultura corporal em nossa sociedade (Betti & Zuliani apud Betti, 1992).

Cabe evidenciar que, ao pensarmos o desenvolvimento da prática de ensino de educação física na educação básica, precisamos conhecer teorias e metodologias que vão ao encontro dessas práticas. O ensino de educação física na escola pode envolver outras disciplinas, tendo em vista que essa prática perpassa a aprendizagem de todas as áreas do conhecimento (Brasil, 2013). No entanto, conforme as diretrizes curriculares nacionais da educação básica, conhecer o currículo não significa necessariamente saber quais as diretrizes para trilhar as questões étnico-raciais.

[...] “Alguns Estados apenas preveem, de forma genérica, o respeito às características regionais na organização e operacionalização de seu sistema educacional, sem incluir, em suas Cartas, normas e/ou princípios voltados especificamente para o ensino rural.” (Brasil, 2013, p.58).

A educação física escolar (EF) tem sido uma área presente nos debates que têm como características a afirmação de propostas que redirecionem os percursos dessa disciplina dentro do ambiente escolar.

Quanto a temática étnico-racial, acreditamos que a EF, pode apropriar-se das práticas corporais do modo como elas ocorrem em sociedade e a partir delas planejar situações de

ensino que permitam ao aluno compreensão e apropriação dos discursos relacionados a essas práticas e, assim, torná-los capazes de ressignificá-las.

Além disso, a EF pode fazer com que o aluno perceba que a mesma manifestação pode ser praticada de diferentes maneiras, adaptada as características de determinada região ou, respeitando especificidades culturais e religiosas, ser permitida apenas aos homens, ou ainda ser praticada apenas para o divertimento da comunidade. A abertura dessa discussão nas aulas é um momento para que o aluno veja que existem outras interpretações e significados não hegemônicos relacionados às práticas. É a possibilidade de construção de novos modos de apropriação da cultura.

3.4 Construção dos resultados

Para ser desenvolvida, a pesquisa requereu que produzíssemos junto com as crianças um ambiente propício, como eles gostam muito das aulas práticas, conversamos com antecedência que esse seria espaço para aprender e ensinar e que a participação deles seria muito importante para enriquecer e tornar mais dinâmica a proposta.

No decorrer das aulas, que aconteceram em sala, deslocamos algumas mesas e cadeira para preparar o ambiente de forma mais aconchegante e adequada, visto que só tínhamos um computador para a exibição dos vídeos, era necessário que os alunos ficassem mais próximos para conseguirem assistir. Em alguns momentos os alunos sentavam em círculo no chão e em outras atividades ficavam sentados nas cadeiras.

No primeiro contato, os alunos estavam desconfiados, com medo de falar, principalmente quando percebiam que eu estava fazendo anotações no meu caderno. Após a fase de adaptação dessa nova proposta para as aulas de Educação Física, eles ficaram mais à vontade. Percebi que estavam mais atentos ao assunto e até traziam mais informações que poderiam ser trabalhadas, mas também tivemos em que eles se envolveram pouco.

A cada intervenção as observações eram transcritas no diário de campo, desta forma, além do que foi planejado, também realizávamos uma avaliação da prática e identificávamos assuntos que precisavam ser trabalhados. Algumas vezes essa avaliação era feita conversando pessoalmente ou por telefone com colegas que são professoras de educação física em outras escolas.

Durante as aulas observamos o relacionamento entre os alunos, como eles agem diante das diferenças presentes no ambiente escolar e das questões étnico-raciais. E também, como

se dá a interação entre eles e a professora nesse momento em que as aulas foram diferentes do que eles estavam acostumados.

No nosso diário de campo, registramos as falas, atitudes, posturas, gestos e toda movimentação no processo de intervenção feito nas aulas. As produções realizadas pelos alunos, como textos e desenhos, foram de grande relevância, tornaram-se fontes de informações para compor esta pesquisa.

A seguir, apresentamos uma tabela com as atividades de intervenção desenvolvidas com a turma, nas próximas páginas as explicaremos relatando os detalhes registrados nesta fase da pesquisa. As ações estão descritas no cronograma de acordo com a ordem em que foram realizadas.

Cada quadro correspondeu a uma aula, sendo que as mesmas foram executadas conforme as datas registradas abaixo. As atividades aconteceram semanalmente, sempre nas segundas e sextas feiras, de acordo com o horário de Educação Física da turma. Nos períodos em que tiveram feriados ou eventos na escola precisamos mudar a programação.

Na nossa primeira atividade de intervenção nos propomos a entender, de acordo com o ponto de vista das crianças, para que servem as aulas de educação física e se elas acreditavam na possibilidade de inserir dança afro nas aulas de Educação física.

Iniciamos a intervenção com os alunos sentados em suas cadeiras, nos lugares que normalmente ocupam no dia a dia das aulas. Em pé, no centro da sala, como em uma aula tradicional, explicamos a proposta. Após a explicação, começamos a conversar, não estabelecemos regras, mas quem sentia desejo de participar levantava a mão solicitando a fala.

Perguntamos aos alunos se eles conheciam a dança afro, apenas dois afirmaram conhecer. A turma é composta por vinte e um alunos, sendo doze meninas e nove meninos. Nesse encontro estavam presentes dezesseis pessoas. Também questionamos sobre a possibilidade de ter a dança afro na aula de Educação Física. Oito alunos responderam que sim, sete disseram que não acreditam nessa possibilidade, demonstrando em suas falas a ideia de que existe um padrão para as aulas dessa disciplina, que geralmente envolve brincadeiras e modalidades esportivas.

O primeiro a se pronunciar foi o aluno B, afirmou que não concorda que a Educação Física possa ser um espaço para a realização da dança afro, mas não justificou sua opinião. No decorrer da conversa fomos percebendo a forma como eles conceituam as aulas de Educação Física e identificamos pensamentos que demonstram a valorização do esporte e do lazer no horário dessa disciplina.

Ao final de sua fala, o aluno foi confrontado por uma colega de sala, a partir desse momento iniciaram uma discussão sobre a utilização do espaço das aulas, a partir dos sentidos que eles atribuem à aula de Educação Física. As aulas fluíam de acordo com os questionamentos levantados por eles mesmos, cada dúvida, cada curiosidade, se tornava material para a pesquisa. Nas próximas linhas, transcrevemos as falas de uma de nossas discussões.

Você só está falando isso porque gosta de jogar futebol, fala a verdade. É igual quadrilha, não tem nada a ver com educação física, mas a gente gosta. Eu nunca vi dança afro, mas deve ser legal, vai ser bom pra mudar um pouco o tema da aula (IS).

Acho que não concordo porque eu não sei dançar, a gente gosta é de jogar (B).

Acho que não dá. Para mim, parece que a Educação Física é só brincadeira (JP).

Acho que é possível sim, porque as meninas poderiam dançar (E).

Acho que sim, tem como fazer nas aulas de educação física, a gente pode até aprender alguma coisa de cultura (S).

Eu não concordei no início, mas se tiver isso nas aulas de Educação Física vamos aprender as culturas (M).

No segundo encontro, observamos como os alunos se autodescrevem, qual imagem eles têm de si mesmos em relação a sua cor da pele e traços físicos. Identificamos as falas das crianças, palavras e expressões com as quais se classificam.

Para essa atividade levamos fotos salvas em um arquivo de computador. Todas as pessoas nas fotografias eram negras, dentre essas, artistas famosos e também pessoas comuns, em atividades do dia a dia. Ao todo, expomos vinte imagens. Nessa etapa, convidamos os alunos a sentarem no chão, em círculo para ficarem mais perto do computador e para, em seguida, realizarmos a roda de conversa.

Selecionamos imagens somente de pessoas negras propositalmente, como uma maneira de nos distanciarmos um pouco do binarismo negro e branco. Acreditando que na espontaneidade das falas que poderiam surgir no momento dessa intervenção, esperando que surgiriam naturalmente as opiniões dos alunos independentemente da cor das pessoas nas fotos.

Mostramos as fotografias e, a cada uma, registramos os gestos, sentimentos e falas manifestados pelos alunos. De modo geral, eles não atentaram para o fato de serem todas as fotos de pessoas negras, comentavam apenas se achavam a pessoa da foto bonita ou feia, o

tipo do cabelo, não fizeram comentários que nos levassem a entender que valorizavam ou desvalorizavam a cor da pele negra.

Tanto as meninas quanto os meninos ficavam eufóricos quando aparecia alguém que eles consideravam bonito. Eles sorriam e cochichavam, alguns iniciavam comentários, mas paravam no meio da fala por sentirem vergonha de exporem suas ideias. Dessa atividade, surgiram as seguintes falas:

Essa tem um cabelo mais inchado, diferente (B)

Ela tem um cabelo cacheado, lindo. Rapaz, ela é bonita, hein (M).

Nossa última atividade aconteceu no dia nove de dezembro, realizamos um aulão e uma apresentação de coreografia de dança afro. Durante o planejamento, os alunos acharam importante iniciar a ação com uma abordagem sobre o dia da consciência negra, assim poderíamos tratar de algumas questões da cultura negra. Percebemos avanços no entendimento sobre as questões raciais, muitos alunos já conseguiam discutir o tema de maneira crítica e mais respeitosa.

4. Considerações Finais

Muitas vezes, as identidades são conformadas como algo permanente, determinando o que as pessoas podem ou não ser. Em relação à identidade negra, ela é baseada em critérios de raça e cor da pele e no contexto de uma sociedade de classes como a brasileira, em que foi disseminada a ideia de que brancos são superiores aos negros assumir essa identidade significa estar envolvido em todos os complexos que permeiam as questões raciais.

Acreditamos na importância de compreender os processos de construção de identidade por meio do vínculo com a dança afro, uma manifestação cultural afro-brasileira que representa uma forma de resistência dos negros com forte presença na história local. A aproximação com a histórica e cultura desenvolve o sentimento de pertença e proporciona um conhecimento que nos leva buscar transformações.

Nosso objetivo com a realização dessa pesquisa foi propor um trabalho com a dança afro-brasileira associada aos processos de construção da identidade histórico cultural, destacando como podemos trabalhar esse tema nas aulas de Educação Física, integrando-o a proposta curricular, trabalhando conteúdos de história que comumente não são abordados nas

aulas de Educação Física. Desenvolvendo assim atividades de dança que possa oferecer ao aluno a possibilidade de expressão.

A dança afro, como prática cultural africana e afro-brasileira, é uma herança que representa, com fortes características, uma manifestação da sociedade local, no contexto cultural do negro. A identidade negra está presente no desenvolvimento sócio histórico das pessoas, estabelecendo referências dentro dos processos de construção da identidade, expressando características importantes dessa população.

Essa dança esteve presente em vários momentos na história do povo brasileiro até os dias atuais. Entretanto, percebe-se que as ações afirmativas de apoio a essa prática, ainda são poucas o que se constitui em um desafio a ser enfrentado para a valorização da história e da cultura de origem africana.

A história da dança afro em São Mateus e no Espírito Santo possui poucos registros bibliográficos, de modo que, para realização da pesquisa, precisamos contar com as fontes orais, fato que tornou o levantamento de informações uma difícil etapa para nós durante a realização deste trabalho.

Em função da indisponibilidade de algumas informações e de alguns apagamentos históricos, recomendamos para trabalhos futuros cuidado e valorização das fontes orais presentes na comunidade onde se pretende desenvolver o estudo. Muitas vezes, por se sentirem desvalorizados ou por desconfiança, eles se negam a contribuir com seus depoimentos.

Também sugerimos para outros trabalhos nessa área, a incorporação de diferentes formas de produção de dados. Vale ressaltar a importância de iniciar o quanto antes o trabalho junto ao objeto de estudo, pois acreditamos ser importante a disponibilidade de tempo. Durante o trabalho em campo surgem muitas informações importantes e é necessário analisá-las com zelo.

Referências

Barros, J. D. A. (2014). *A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira* (3a ed). Petrópolis, RJ: Vozes.

Betti, M. Z. (1992). Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 13(2), 282-287.

Brasil. (1998). *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física*. Brasília: MEC.

Brasil. (2006). *Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: SECAD.

Brasil. (2013). *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física*. Brasília: MEC.

Cavalleiro, E. (2001). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro.

Darido, S. C. (2012). Visão geral da disciplina. In S. C. Darido (org.), *Cadernos de Formação: Conteúdos e Didática de Educação Física*. 6(3), 10-20). São Paulo: Cultura Acadêmica.

Forde, G. H. A. (2018). *Vozes negras na história da educação: racismo educação e movimento negro no Espírito Santo (1978-2002)*. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural.

Freire, P. (2009). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (36a ed). São Paulo: Paz e Terra.

Hall, S. (1998). *A identidade Cultural na pós-modernidade*. (2a ed) (S. Tomaz Tadeu; L. L. Guacira, trad.) Rio de Janeiro: DP&A.

Lima, N. (2005). *Dando conta do recado: a dança afro no Rio de Janeiro e suas influências*. Rio de Janeiro.

Maciel, C. (2016). *Negros no Espírito Santo*. (2a ed). O. Osvaldo Martins de (org.). Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

Oliveira, N. N. (1992) *Dança Afro: Sincretismo de movimentos*. Salvador: Ufba.

Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da Pesquisa Científica*. Santa Maria, RS: UFSM, NTE.

Santos, S. F. (2016). *Corpo, movimento e afirmação: percursos do grupo de dança afro Negraô no ES* (Monografia). Especialização em Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, Universidade Federal do Espírito – UFES, Vitória, ES, Brasil.

Schmidt, M. L. S. (2006) Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. *Psicologia USP*, 17(2), 11-41. doi.org/10.1590/S0103-65642006000200002

Silva, T. T. (2014). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (15a ed). (S. Tomaz Tadeu, trad.). Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Lielle Serafim – 60%

Maria Alayde Alcantara Salim – 30%

Marli Quinquim – 10%